

Bracara Augusta: a memória de uma cidade

Manuela MARTINS¹

Resumo:

Este artigo sintetiza os dados relativos à história da cidade romana de *Bracara Augusta*, tendo por base a Epigrafia e a Arqueologia. Faz-se, também, um historial da descoberta da cidade passando-se em revista as referências, achados e sínteses históricas realizadas até 1976, altura em que foi iniciado o projecto de estudo e salvamento sistemático da antiga cidade romana, da responsabilidade da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Fornece-se a bibliografia referente a *Bracara Augusta*, publicada até 1982, organizada tematicamente.

Abstract:

This paper offers an abstract of the history of *Bracara Augusta* based on epigraphic and archaeological data. It also gives a brief summary of the discovery of the Roman town, using references, finds and historical synthesis known before 1976, year during which the systematic archaeological survey project of *Bracara Augusta*, managed by the Unit of Archaeology of Minho University was started. An extensive bibliography published before 1982 and organised by subjects is also given

Palavras Chave:

Bracara Augusta; História; Arqueologia; Bibliografia; Salvamento arqueológico.

Key Words:

Bracara Augusta; History; Archaeology; Bibliography; Archaeological Rescue.

1. A HISTÓRIA

Bracara Augusta foi fundada pelo imperador Augusto, entre 3 a.C. e 4 da nossa era (LE ROUX 1975, 155; TRANOY 1981, 328), no âmbito do programa imperial de reorganização administrativa da Península Ibérica. Assim, tal como as restantes criações augústeas no Noroeste, *Bracara Augusta* nasceu da necessidade de dotar a região a Norte do Douro de estruturas sociais e políticas susceptíveis de firmar a presença romana e facilitar a integração das suas populações (LE ROUX & TRANOY 1983-84, 199-207).

Enquanto que os dados arqueológicos disponíveis permitem afirmar que a cidade surgiu *ex nihilo* (MARTINS & DELGADO 1989-90a), o material epigráfico conhecido sugere um contexto religioso para a sua criação, fortemente influenciado pelo carisma de Augusto e pela difusão do culto imperial (LE ROUX 1975, 155-159; TRANOY 1980, 67-83; ALARCÃO 1990a, 53-54). Plínio (4, 112) inscreve *Bracara Augusta* na lista dos *oppida* peregrinos. No entanto, é provável que a nova colectividade tivesse centralizado, logo desde a sua fundação, importantes funções

¹ Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Av. Central, nº 39, 4710 Braga.

de carácter jurídico, religioso e económico, eventualmente articuladas com as suas atribuições enquanto sede de *conventus iuridicus*² (ALARCÃO 1988).

O conjunto dos dados arqueológicos e epigráficos aponta para um considerável desenvolvimento do pequeno *oppidum* augústeo ao longo da dinastia Júlio-Cláudia.

É admissível que durante a primeira metade do séc. I se tivesse operado um povoamento sistemático do novo aglomerado, sendo de rejeitar a ideia de que esse processo tenha correspondido a um programa imposto pela administração imperial.

A epigrafia constitui um indicador precioso para reconstituir o povoamento e desenvolvimento da cidade. Se as inscrições funerárias nos dão conta da fixação em *Bracara Augusta* de notáveis indígenas, oriundos dos inúmeros *castella* da região, que expressam a sua origem pela expressão C invertido³ (TRANOY 1983, 200), a presença de cidadãos romanos está igualmente testemunhada, quer através do meio militar⁴, quer através do meio civil, este último ligado ao desenvolvimento das actividades económicas, entre as quais se destaca o comércio⁵.

A importância administrativa e religiosa de *Bracara Augusta*⁶, as actividades económicas e a organização da rede viária da região terão favorecido o seu rápido crescimento demográfico, atraindo uma população diversificada, composta por indígenas, imigrantes e militares.

No último quartel do séc. I *Bracara Augusta* conheceu um considerável desenvolvimento que parece associado à sua promoção municipal. Com efeito, enquanto que a passagem de *oppidum* peregrino a município permitiu dotar a cidade de estruturas de governo autónomas, com Senado e magistrados, o *ius latii* teria facultado a ascensão da aristocracia indígena à cidadania romana, através do desempenho de cargos públicos, estimulando, simultaneamente, a monumentalização da cidade (MANTAS 1987; MARTINS & DELGADO 1989-90a).

A Arqueologia testemunha que sob a dinastia flávia a cidade conheceu um ambicioso projecto de renovação urbana, que prosseguiu sob os imperadores Antoninos⁷. Esse projecto contempla uma cidade de apreciável extensão, organizada segundo plano hipodâmico (MARTINS & DELGADO 1989-90a; MANTAS 1990, 86-87).

² Esta hipótese é sugerida pela datação da tábula que refere o *conventus* de *Ara Augusta*, futura *Asturica Augusta* (DOPICO CAÍNZOS 1986, 265-283).

³ Entre os *castella* referidos na epigrafia da cidade encontramos *Letiober*, de onde é originária Albura, filha de Caturu, *Agripia*, donde procede Arquio, filho de Viriatio. De *Valabriga* procede Bloena, filha de Camalo. De um *castellum* não identificável são originários Adrono e Tarquínio, filhos de Caturu (MARTINS & DELGADO 1989-90; TRANOY & LE ROUX 1989-90b).

⁴ Entre as tribos romanas representadas contam-se a Galéria à qual pertenciam dois legionários nascidos em *Bracara Augusta* (LE ROUX 1982, 207) e a Fabia, tribo do veterano da Legio II Adiatrix (LE ROUX 1982, 219, nº 166).

⁵ A presença em *Bracara Augusta* de cidadãos romanos ligados à actividade comercial está bem testemunhada por uma inscrição do tempo de Cláudio (42-44), que refere *C. Caetronius Miccio*, legado de Augusto na Citerior, homenageado pelos *cives romani* que negociavam em Braga (CIL II, 2433; ALFÖLDY 1966, 185-195).

⁶ *Bracara Augusta* enquanto capital de *Conventus* exercia jurisdição sobre 24 *populi*, que compreendiam 285.000 habitantes livres tributários, segundo dados de Plínio, certamente baseados no censo de Agripa. Entre as funções que estavam atribuídas a *Bracara Augusta* contam-se o julgamento de pleitos por parte do governador da província ou seu delegado (*legatus iuridicus*), o recrutamento de tropas auxiliares, funções fiscais e a organização do culto imperial, representado na cidade por inscrições que referem sacerdotes deste culto (TRANOY 1981; MARTINS & DELGADO 1989-90a).

⁷ As numerosas escavações realizadas na área urbana de Braga permitem documentar que a generalidade dos edifícios públicos e privados foram construídos entre finais do séc. I/ incios do II, o que sugere que o programa urbanístico flávio terá prosseguido ao longo do séc. II (DELGADO *et alii* 1986, 35-41).

O programa flávio incluiu a criação de um novo centro monumental, a construção de umas termas públicas e a instalação de vários bairros residenciais (GASPAR *et alii*, 1986, 27-42).

Se o urbanismo flávio é facilmente recuperável a partir das inúmeras escavações já realizadas, quer através de bairros, quer através de ruas e cloacas, quer ainda através de reminiscências do traçado romano no plano da cidade medieval (OLIVEIRA *et alii* 1982; MANTAS 1990, 86), outro tanto não se poderá dizer em relação aos seus edifícios monumentais, sacrificados que foram pelas cidades medieva e moderna. De facto, o único edifício público conhecido até hoje resume-se às termas de Maximinos (GASPAR *et alii* 1986, 35). Contudo, parece perfeitamente admissível que *Bracara Augusta* tenha possuído um *macellum*⁸, templos⁹ e um edifício de espectáculos, fosse ele um anfiteatro, ou um teatro¹⁰.

O programa Flávio/Antonino estruturou uma cidade que, atendendo à localização das necrópoles e ao traçado atribuído à muralha, teria cerca de 48ha (MARTINS & DELGADO 1989-90a). Simultaneamente, deverá ter-se verificado a promoção jurídica das elites da cidade e da região envolvente, que passarão a integrar a *ordo decurionum*. Dessa promoção falamos as inscrições que o acaso fez chegar até nós: umas, em especial as funerárias, referem a inclusão de indígenas na tribo Quirina¹¹, prática dominante a partir de Vespasiano; outras, revelam a adopção da onomástica flávia¹². Sugestiva do estatuto municipal da cidade, é ainda uma inscrição honorífica, datada do séc. II, erguida ao cidadão *L. Terentius Rufus*, por *decreto decurionum* (CIL II, 2424).

O surto urbanístico e a monumentalização de *Bracara Augusta*, entre finais do século I meados do II, foram acompanhados pelo florescimento das actividades económicas, associadas, quer ao abastecimento de uma população crescente, com razoável poder de compra, quer ao escoamento, pelo menos regional, de produtos fabricados na cidade.

As importações estão bem representadas por cerâmicas (DELGADO & SANTOS 1984, 49-70; DELGADO 1985, 9-40), vidros e por objectos de adorno. Alguns produtos importados, de grande qualidade, revelam mesmo que em *Bracara Augusta* residiu, durante o Alto Império, uma clientela abastada, de refinado gosto, que constituiria, certamente, a elite da cidade.

Muito embora pouco se saiba sobre as exportações, podemos destacar, entre as actividades artesanais mais representativas, o fabrico de cerâmica comum de apreciável qualidade¹³, de vidro (SOUSA 1973, 25) e de metais.

⁸ A sua existência é deduzível a partir da inscrição CIL, II, 2413, que refere o *Genius Macelli*.

⁹ Entre as divindades honradas em *Bracara Augusta*, incluem-se Júpiter, Asclépio e Hígia, Mercúrio, Evento, *Genius Macelli*, Lares Viales, Isis e ainda divindades indígenas como Senaico, Ambiorebi, Ambieicer, Nabia, Provida e Tongonabiago.

¹⁰ As referências a um anfiteatro, localizado em S. Pedro de Maximinos, ainda visível nos séculos XVII e XVIII, são devidas a D. Rodrigo da Cunha (1634, 11) e a Contador de Argote (1732-34).

¹¹ CIL II, 2437/8=ILER 5216-7; CIL II, 2450=ILER 2494; CIL II 2444; CIL II 4237; AE, 1972, 359.

¹² Entre outros, pode referir-se os nomes de *Flavus Fronto*, presente numa inscrição ao deus *Eventus* (CIL, II, 2412) e *Flavius Urbicio* que homenageia o *Genius Macelli* (CIL II, 2413).

¹³ Existem provas do fabrico local de lucernas (SOUSA 1965-66, 165-172; 1969, 309-311), sendo de destacar, também, uma produção de cerâmica comum de boa qualidade, difundida na região, que inclui produtos de pastas claras e fino fabrico, polidas, engobadas e pintadas e uma produção de engobe vermelho, com diferentes fabricos, cobrindo

Os dados arqueológicos permitem localizar os bairros mais ricos da cidade na parte oriental, atendendo à melhor qualidade das residências aí encontradas, mas, também, ao aparato funerário conhecido na necrópole da Via XVII, localizada nesse sector da cidade. Ao contrário das restantes necrópoles, onde as sepulturas são relativamente modestas, com especial destaque para a de Maximinos, a necrópole da Via XVII revela enterramentos de origem social elevada, atribuíveis a indivíduos que se fazem sepultar com espólio rico e abundante (DELGADO 1984, 179-201), deixando a sua memória perpetuada por estelas funerárias, cuidadosamente trabalhadas (TRANOY e LE ROUX 1989-90b).

Pouco sabemos sobre a cidade do séc. III. No entanto, as escavações parecem revelar uma perfeita continuidade da vida urbana, muito embora se constate uma diminuição das importações e da moeda em circulação. É ainda provável que date deste período a construção de uma muralha de forma elíptica, cujo traçado foi descrito por vários autores (ARGOTE 1732-34; BELINO 1909, 2; FEIO 1956; OLIVEIRA 1979, 174).

O afastamento de *Bracara Augusta* do palco de perturbações que afectaram a Hispânia entre finais do séc. II e meados do III e o facto da cidade poder garantir a sua sobrevivência, basicamente a partir da região envolvente, parecem tê-la poupado, nesse período, permitindo uma vida regular aos seus habitantes, ainda que sem grande incremento das actividades construtiva e comercial.

Entre finais do séc. III e inícios do IV *Bracara Augusta* volta a conhecer um importante programa de renovação urbana, que compreendeu remodelações significativas, quer em edifícios públicos, quer privados (GASPAR *et alii* 1986, 27-41). Esse programa parece associar-se à promoção da cidade a capital da província da Galécia, criada por Diocleciano, que integrou os três conventos jurídicos do NO e parte do de Clunia (TRANOY 1981).

As remodelações atribuíveis a esse período, observadas em diferentes sectores da cidade, permitem constatar que as elites mantiveram a sua residência em *Bracara Augusta*, procedendo a significativos melhoramentos das suas vivendas, algumas das quais passam a incluir banhos privados e pavimentos com mosaicos.

Por outro lado, observa-se um bom ritmo de importações de cerâmica, ao longo de todo o séc. IV, sendo de destacar a continuidade de produção dos ateliers de cerâmica local, que difundem os seus produtos na região. *Bracara Augusta* manteve assim, ao longo daquele século, uma significativa actividade comercial e artesanal, não parecendo conhecer processos de retracção económica, ou de despovoamento acentuados.

A persistência de uma vida económica e social activas, durante todo o século IV, pode ser uma consequência das novas responsabilidades políticas e administrativas da cidade, decorrentes da sua promoção a capital provincial. Essas responsabilidades terão sido mesmo acrescidas quando *Bracara Augusta* se tornou sede de bispado, no séc. IV, o que garantiu à cidade a administração de um importante território. Os numerosos cargos políticos e religiosos que se ofereciam às elites urbanas terão constituído importantes factores de fixação da população,

uma cronologia lata, entre os sécs. I e IV/V. A origem da cerâmica conhecida por "bracarense", que imita a *sigillata* e o fabrico das paredes finas (ALARCÃO 1966, 45-50; SOUSA 1971, 451-455), considerada como originária de *Bracara Augusta*, pode hoje ser questionada em face da excepcional qualidade dos produtos do mesmo fabrico conhecidos na região de Orense.

justificando a sua persistência na cidade.

As fontes históricas disponíveis para se reconstituir o passado de Braga, entre os sécs. V e XI, são reduzidas e consideravelmente omissas quanto à ocupação, despovoamento e/ou destruição da cidade. Por outro lado, a Arqueologia não logrou ainda fornecer um registo claro sobre a ocupação suévico-visigótica e, muito menos, sobre as consequências das incursões muçulmanas na região.

Neste sentido, o período histórico que medeia entre 411, data em que a região de Braga foi entregue, por partilha, aos Suevos e o séc. XI, em que se organizou a cidade medieval, em torno da Sé, é ainda muito mal conhecido.

Tendo em conta os dados fornecidos pela Arqueologia é possível admitir que a ocupação suévica de Braga não tenha determinado o imediato declínio da cidade. Se algumas construções foram sacrificadas, como parece acontecer com as termas públicas do Alto da Cidade, que deixaram de funcionar no séc. V (GASPAR *et alii* 1986, 35-36), outras foram certamente erguidas, ao longo daquele século, como parece ter acontecido na zona da Sé (GASPAR 1985, 51-125) e um pouco por todo o extenso perímetro da cidade romana.

A continuidade da vida urbana, ao longo do séc. V, surge-nos igualmente demonstrada pelos enterramentos realizados nas diferentes necrópoles romanas conhecidas (MARTINS & DELGADO 1989/90b), por um bom ritmo de importações de cerâmica, entre os sécs. V/VI (DELGADO 1988, 37-49) e pela persistência de ateliers de cerâmica comum local e regional (MARTINS & DELGADO 1989/90b). Quer os materiais, quer as remodelações de edifícios públicos ou privados, observados nas escavações, parecem revelar que a cidade resistiu mesmo às perturbações decorrentes do saque de Teodorico, em 455, referido, talvez com excessivo dramatismo por Idácio.

Com a instauração do domínio visigótico na região, no século VI (585), a cidade persistiu ainda como metrópole eclesiástica. Todavia, as realizações suélicas e posteriormente visigóticas, em termos do urbanismo, são difíceis de precisar, tendo em conta as enormes dificuldades em datar com segurança os materiais desse período e a má qualidade da generalidade das construções, parcialmente desmanteladas em épocas posteriores.

É possível admitir que o centro de gravidade administrativo e religioso dos sécs. V/VI tenha privilegiado a zona onde se ergue a Sé catedral (MARTINS & DELGADO 1989/90a). Esse facto poderá justificar a persistência dos quarteirões do quadrante nordeste da cidade romana, visíveis na planta da cidade medieva (OLIVEIRA *et alii* 1982; MANTAS 1990, 86), enquanto que as áreas periféricas parecem ter sido paulatinamente abandonadas.

Os dados arqueológicos são ainda mais omissos em relação à ocupação da cidade durante o séc. VII. Uma inscrição funerária datada de 618, encontrada na igreja de S. Vicente constitui um argumento importante em favor de algumas alterações da estrutura urbana, resultantes do desenvolvimento de centros de culto cristão, surgidos fora do anterior perímetro, não raro sobre antigas áreas de necrópoles (MANTAS 1987; GARCIA MORENO 1977-78, 311-321). É assim admissível que alguns sectores da antiga cidade romana tivessem sido sacrificados, pelo menos a partir do séc. VI, em benefício de pequenos núcleos populacionais organizados em torno de basílicas martiriais e, mais tarde, de igrejas.

Os episódios relativos à invasão/ocupação da cidade pelos muçulmanos, quando estes invadem a Galécia, em 715, sob comando de Abdelazin, são bastante mal conhecidos, quer da

historiografia, quer da Arqueologia. Sucessivas incursões árabes poderão ter destruído, senão a totalidade, pelo menos vastos sectores da cidade, acelerando o seu despovoamento, iniciado em épocas anteriores. No entanto, a destruição da cidade poderá, também, constituir um processo decorrente da reacção cristã contra o domínio árabe, iniciada com Afonso I das Astúrias, nos anos de 753 e 754.

Com base nos dados disponíveis não é possível provar se Braga chegou a ser totalmente despovoada, ou se, pelo contrário, e mau grado as sucessivas incursões e destruições, nela persistiu sempre um núcleo de população residente, reforçado pela presúria de Odoário, responsável pela reconstrução parcial da cidade e pela reabilitação da vida urbana, em cujo contexto se insere a demarcação do termo de Braga, feita em 870, pelo Conde Vimara Peres. Por outro lado, a realização, em Braga, de uma assembleia de Bispos e nobres, promovida por Vimara Peres, pressupõe que a cidade estaria, no séc. IX, ocupada e, pelo menos, parcialmente reconstruída. Desconhecemos, todavia, qual seria a área então ocupada, sendo presumível que boa parte da cidade romana jazesse já em ruínas, sacrificadas à construção de muitos dos novos edifícios e habitações que foram surgindo e, mais tarde, ao levantamento da cerca medieval.

2. A MEMÓRIA

O pequeno e acanhado burgo medieval que se desenvolveu por acção do bispo D. Pedro (1070-1090), em torno da catedral, sagrada em 1089, manterá fora do seu modesto perímetro dois terços da antiga cidade romana. Muitas das construções monumentais de *Bracara Augusta* terão sido então desmanteladas, fornecendo abundante material de construção à cidade medieval, que não parece ter aproveitado qualquer edifício anterior. As outras, reduzidas a escombros, terão deixado de ser visíveis durante séculos, transformadas que foram as áreas extra-muros em terrenos de cultivo.

Muito embora a cidade medieval, que nasceu em torno da Sé, tenha mantido a traça romana na sua parte SO, aquela que se sobrepôs à cidade anterior, a memória da opulência de *Bracara Augusta* perdeu-se ao longo da Idade Média. Seriam então certamente visíveis alguns troços da muralha romana, referida, pontualmente, em documentos do séc. XII, bem como alguns muros e ruínas de um ou outro edifício. Contudo, a cidade romana aparece sistematicamente ignorada nos escritos medievais.

Um pouco à semelhança do que aconteceu por toda a Europa, o despontar do interesse pelo passado histórico da cidade constituiu um fenómeno renascentista. Em Braga, o acordar da memória da velha *urbs* está ligado à acção dos arcebispos. Entre eles, merece legítimo destaque D. Diogo de Sousa (1505-1532), cuja formação humanista, justifica, entre outras iniciativas, a sua preocupação de coleccionar as antiguidades romanas de Braga e da região. Deve-se à sua acção a recolha de lápides e miliários no Campo de Santana, primeiro esboço de um Museu de Arqueologia da cidade (OLIVEIRA & FERNANDES 1984, 109-134).

A publicação, nos finais do século XVI (1594), de uma planta da cidade, devida a Braunio, na qual se faz referência aos espaços da antiga cidade romana, designadamente ao *Forum* e aos locais de saída das principais vias militares, sugere que a memória da cidade antiga não se perdera por completo e que seriam ainda visíveis bons troços das vias romanas que haviam

ligado *Bracara Augusta* a outras cidades peninsulares.

Foi o arcebispo D. Rodrigo da Cunha que ensaiou a primeira tentativa de síntese da história de Braga (1634), analisando a ocupação da cidade até à Alta Idade Média e descrevendo, pela primeira vez, algumas ruínas ainda visíveis no seu tempo, designadamente em Maximinos, onde refere a existência de um teatro.

Os vestígios encontrados em vários pontos da antiga cidade romana, entre os sécs. XVI e XVIII, bem como o recurso às fontes escritas romanas, permitiram a Jerónimo Contador de Argote, proceder a uma mais ampla tentativa de reconstituição da história da cidade, iniciativa que se enquadra no espírito iluminista do séc. XVIII. Para tanto, compilou numerosas informações, descreveu ruínas, interpretou inscrições e delimitou o perímetro da cidade romana, através de restos ainda conservados da sua muralha (ARGOTE 1728; 1732-34).

A recuperação da memória de *Bracara Augusta* irá acelerar-se entre os sécs. XVIII e XIX, quer pela divulgação de novos achados, designadamente na *Gazeta de Lisboa*¹⁴, nas *Memórias Paroquiais*, cujos “extractos” arqueológicos foram editados por P. A. de Azevedo e no *Dicionário Geográfico* de Luís Cardoso¹⁵, quer ainda pelo desenvolvimento do espírito antiquarista, eivado de um importante ideal nacionalista. A este espírito se ligam os nomes de alguns eruditos bracarense, que animaram a vida intelectual da cidade, como Pereira Caldas (1818-1903)¹⁶, Albano Belino (1863-1906)¹⁷ e José Teixeira (1859-1928)¹⁸. Interessados no passado da sua cidade, estes homens reflectem bem o espírito da sua época, que se relaciona com a concepção da Arqueologia enquanto disciplina científica e com a salvaguarda do espólio através de núcleos museológicos.

Desta última iniciativa é eco a decisão da Câmara Municipal de Braga, em 1897, de criar um Museu nas Carvalheiras, destinado a guardar o espólio disperso pela cidade, designadamente o conjunto de miliários procedente das vias romanas que cruzavam a região, reunido em Braga desde o séc. XVI e trasladado, no séc. XIX, do Campo de Santana para o Campo das Carvalheiras. Todavia, a criação de um Museu nas Carvalheiras nunca chegaria a concretizar-se¹⁹.

Assim, foi por iniciativa privada e graças a Albano Belino, ardente promotor da arqueologia bracarense, que se criou em Braga o primeiro núcleo museológico de Arqueologia, com assento numa loja do Paço Arquiepiscopal (OLIVEIRA 1985a, 179-194). Aí reuniu Albano Belino a sua colecção particular, composta por numerosos monumentos epigráficos recolhidos em Braga e arredores, cerâmica, fíbulas, fragmentos de mosaicos e tijolos²⁰. Foi esta a primeira colecção significativa de materiais procedentes de *Bracara Augusta*, com especial destaque para a co-

¹⁴ Informações compiladas, posteriormente, na Revista *O Arqueólogo Português*, por P. A. de Azevedo.

¹⁵ Grande parte desta informação encontra-se publicada nos primeiros números do *Arqueólogo Português*, por P. A. de Azevedo (1897, 247-252; 1900, 81-87; 115-120) e A. Mesquita de Figueiredo (1897, 218, 223).

¹⁶ A sua acção em Braga foi pontual, sendo, contudo, de destacar as escavações que realizou nas Caldas das Taipas.

¹⁷ Da sua bibliografia incidente sobre Braga merecem destaque os trabalhos em que dá a conhecer a epigrafia bracarense (1895a; 1895b; 1896; 1900; 1903, 46-47; 1904, 101-102; 1905, 118-119; 1906).

¹⁸ Deve-se a José Teixeira o registo de numerosos achados detectados em vários locais da cidade, que se conservou num manuscrito inédito, publicado, em 1978, por E. Oliveira (1978, 20-44).

¹⁹ Sobre as múltiplas peripécias da criação de um Museu de Arqueologia em Braga, pode ver-se Eduardo Oliveira e Isabel Fernandes (1984, 109-134) e Eduardo Oliveira (1985a, 179-194).

²⁰ Sobre esta colecção pode ver-se R. Severo (1899-1903, 651-652).

leção lapidar, bastante importante²¹, dispersa, após a sua morte, em 1906, pelos Museus da Sociedade Martins Sarmento (Guimarães)²², Nacional de Arqueologia (Lisboa) e de Etnologia (Porto)²³.

A Albano Belino se deve a divulgação de várias inscrições romanas de Braga (1895; 1896; 1906), a descrição da muralha da cidade e a preservação de grande número de lápides que, sem a sua infatigável acção, se teriam perdido irremediavelmente.

Na segunda metade do séc. XIX tornam-se frequentes as notícias de achados arqueológicos em Braga, publicadas na imprensa local, pelo menos desde 1857²⁴, sendo de assinalar igualmente a referência a achados nas actas da Câmara de Braga, publicadas por E. Oliveira (1979, 176-194).

O aparecimento de publicações periódicas de Arqueologia, nos finais do séc. XIX, assegurou o registo das descobertas ocasionais que se iam verificando²⁵. Contudo, dessas descobertas ficaram praticamente apenas a sua notícia, sumária e imprecisa quanto à natureza dos achados e, sobretudo, quanto ao local exacto da sua procedência. Raros foram os achados que sobreviveram ao desinteresse geral e sobretudo à ausência de um Museu, onde pudessem ser recolhidos. Dos antigos achados de Braga salvou-se a colecção que A. Belino organizou, posteriormente reparada por outros museus públicos e privados.

Só a partir de 1918 Braga disporá de um Museu (D. Diogo de Sousa), da responsabilidade da Câmara Municipal, albergado no Paço Arquiepiscopal (OLIVEIRA 1985a, 187), onde passou a ser recolhido o espólio arqueológico artístico e histórico do distrito de Braga.

É um facto que a criação do Museu D. Diogo de Sousa permitiu que algum espólio de *Bracara Augusta* não tivesse o triste destino de muitos achados anteriores. No entanto, este Museu, sem meios logísticos e humanos, não conseguiu dignificar, durante décadas, a memória do passado de Braga, transformado em simples armazém de peças, até à sua revitalização em 1980 (OLIVEIRA 1986, 171-195). Por sua vez, as ruínas, quando apareciam, fossem arcos, muros, piscinas, ou mosaicos, iam sendo sistematicamente destruídas.

Se os conhecimentos sobre a cidade romana não progrediram substancialmente na primeira metade do séc. XX, destacando-se, tão só, alguns pequenos estudos devidos, na década de 30, a C. Teixeira (1935; 1938a; 1938b) e, na de 50, a Russel Cortez (1951; 1951-54; 1953, 245), também é certo que o crescimento urbanístico de Braga, nesse período, continuou a deixar intocados praticamente dois terços da cidade romana, repartidos, até aos anos 60, por grandes quintas, fora do perímetro da cidade moderna.

²¹ Sobre o assunto pode consultar-se Museu Arqueológico, Comércio do Minho, Braga, 16 de Setembro de 1899; 9 de Setembro 1900; 20 de Novembro de 1902; 31 de Julho de 1902, J. L. de Vasconcelos (1903, 295-299) e R. Severo (1899-1903, 651-652).

²² As inscrições procedentes de Braga constam do Catálogo daquele Museu (CARDOSO 1972), podendo ainda ver-se, sobre o material oferecido à Sociedade Martins Sarmento, o Abade de Tagilde (1907, 79-81).

²³ Sobre as peças entradas neste Museu, procedentes de Braga, poderá consultar-se *O Arqueólogo Português* (1908, 375; 1911, 110, 116 e 122).

²⁴ A compilação destas notícias, dispersas pelos jornais bracarenses, foi feita por Eduardo Oliveira (1985b, 5-83). Tal compilação cobre um período compreendido entre 1855 e 1974.

²⁵ A maior parte das notícias virão a lume no *Arqueólogo Português*, muitas delas redigidas por A. Belino (1903, 46-47; 1904, 101-102; 1905, 118-119; 1905, 15-16) e por J. Leite de Vasconcelos, que dedica à Braga romana alguns pequenos artigos (1903, 269-299; 1916, 343-363; 1918, 356-360; 1923-24, 164-165). Na *Revista de Guimarães* encontram-se igualmente referências pontuais a achados de Braga (BELINO 1895b, 97-102).

Será a partir dos anos 60 que *Bracara Augusta* começa a ficar verdadeiramente ameaçada, multiplicando-se, desde então, as destruições e, conseqüentemente, os achados, muitos dos quais dados a conhecer pelo Cónego Arlindo da Cunha, através da imprensa periódica²⁶ e recolhidos, graças à sua acção, em diferentes museus, entretanto aparecidos em Braga (OLIVEIRA 1986, 177-179).

O surto urbanístico das décadas de 60 e 70 foi devastador para a cidade romana. O alargamento da cidade moderna para a área de Maximinos e Cividade provocou maciças destruições, descritas pelo Cónego Arlindo da Cunha e por J. J. Rigaud de Sousa²⁷. No entanto, foi também graças a essas destruições que a cidade romana foi sendo pouco a pouco delimitada. Para tanto contribuiu a sinalização das diferentes necrópoles de *Bracara Augusta*, que permitia definir a área urbana e a saída das vias.

A criação, em 1976, do Campo Arqueológico de Braga, ligado à Universidade do Minho e, em 1977, da Unidade de Arqueologia daquela Universidade, veio finalmente criar condições para se proceder a um salvamento sistemático da cidade de *Bracara Augusta* (ALVES *et alii* 1977; NUNES 1977; OLIVEIRA 1986, 171-195).

A acção conjugada do Governo de então e dos arqueólogos permitiu a publicação de um pacote de legislação tendente a libertar de construção boa parte dos terrenos arqueológicos de Braga²⁸, enquanto se definiam, através de escavações, sondagens e prospecções electro-magnéticas, os limites da área da cidade romana.

Muito embora a protecção legal dos terrenos arqueológicos de Braga tenha deixado de funcionar desde 1979 e só tenha sido possível preservar da construção uma área restricta da parte sul da cidade romana²⁹, foram realizados desde 1976 múltiplos salvamentos, emergências e escavações que, a pouco e pouco, permitiram alargar os conhecimentos sobre a evolução e estrutura urbana de *Bracara Augusta*. Simultaneamente, a revitalização do Museu D. Diogo de Sousa, em 1980, permitiu dotar esta instituição de condições indispensáveis para guardar, preservar e restaurar o numeroso espólio que as escavações têm trazido à luz do dia e que, num futuro, que esperamos próximo, permitirá recriar, de um modo digno, o passado daquela que foi a mais importante cidade romana a Norte do Douro.

A recuperação da memória de *Bracara Augusta* iniciada no séc. XVI foi feita de sobressaltos, de despertares sucessivos e de inúteis destruições, ainda realizadas nos nossos dias. O que se salvou dessa memória constitui ínfima parte da vida de uma grande *urbs*, mantida hoje, em

²⁶ Sobre a bibliografia e achados registados pelo Cónego Arlindo da Cunha veja-se H. Barreto Nunes e E. Oliveira (1988, 97-155).

²⁷ A acção de J. J. Rigaud de Sousa, em Braga, foi muito positiva e polivalente. Realizou cursos de Arqueologia para jovens, com o apoio da Câmara Municipal, promoveu escavações em Maximinos, publicou vários trabalhos, dando a conhecer o resultado das suas intervenções (1965-66, 165-167; 1966a, 165-178; 1966b, 589-99; 1966-67, 143-150; 1968, 194-196; 1969, 309-311; 1971; 1973; 1973, 188-192) e foi o primeiro promotor (1973) de uma zona histórica e arqueológica para Braga, com limites de protecção bem definidos, que nunca viria a ser publicada.

²⁸ Dessa legislação sobressai o Decreto Lei 640/76 de 30 de Julho de 1976 que definiu uma Zona Arqueológica de Braga, de apreciável extensão, renovada pelo Dec. Lei 99-A/77 de 30 de Julho, prorrogada por mais um ano pelo Dec. Lei 65/78 de 8 de Julho, em vigor até 1979.

²⁹ Esta preservação incluí o topo da colina do Alto da Cividade, onde se localiza o edifício das termas romanas, classificadas como Monumento Nacional em 1986, pelo Dec-Lei 1/86 de 3 de Janeiro. Posteriormente, foi definida uma área de protecção especial a este monumento (*Portaria 214/88 de 11 de Abril*), regulamentada pela *Portaria 861/91*.

raros núcleos de ruínas conservadas e visitáveis, nos registos arqueológicos daquelas que, uma vez escavadas, foram destruídas e sacrificadas à construção, nos objectos guardados em Museus e, finalmente, nos estudos já publicados sobre *Bracara Augusta*, até 1992, dos quais procuraremos dar de seguida uma resenha temática.

3. BIBLIOGRAFIA TEMÁTICA DE BRACARA AUGUSTA

3.1. CATÁLOGOS, ROTEIROS E GUIAS

- CARDOSO, M. (1972). *Catálogo do Museu Martins Sarmiento, Secção de Epigrafia latina e escultura antiga*, Guimarães.
- CORTEZ, R. (1958). *Museu D. Diogo de Sousa. Catálogo sumário*. Braga, Câmara Municipal de Braga.
- DELGADO, M.; M. Martins & F. S. Lemos (1990). *Bracara Augusta. Roteiro Arqueológico*, Braga.
- SANTOS, L. dos (1973). *Breve Catálogo do Museu Pio XII (I-secção Lapidar)*, Falam documentos, 2ª edição, Braga.
- SEVERO, R. (1903). A colecção archeológica de Albano Bellino em Braga, *Portugália*, 1, Porto, pp. 651-652.
- VVAA (1954). Roteiro da Exposição Evocativa. Esboço da evolução de Braga, desde o Paleolítico à reconquista cristã, *Bracara Augusta*, 5 (26-28), Braga, pp. 222-231.

3.2. CERÂMICA

- ALARCÃO, A. (1958). Sigillata hispânica em museus do Norte de Portugal, *Revista de Guimarães*, 68 (3-4), Guimarães, pp. 249-315.
- (1966). Bref aperçu sur la céramique romaine trouvée à Bracara Augusta (Portugal), *Rei Cretariae Romanae Fautorum Actae*, 8, Paris, pp. 45-50.
- ALARCÃO, A. & A. Martins (1976). Uma cerâmica aparentada com as “paredes finas” de Mérida, *Conimbriga*, 15, Coimbra, pp. 91-110.
- CORTEZ, R. (1953). Acerca da terra sigillata tardia encontrada no Norte de Portugal, *Congresso Luso Espanhol para o Progresso da Ciências*, 13, Lisboa, pp. 245.
- DELGADO, M. (1984). Sepultura romana encontrada junto ao Largo Carlos Amarante, Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão, *Lucerna*, Porto, pp. 179-196.
- (1985). Marcas de oficinas de sigillatas encontradas em Braga, I, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 2, Braga, pp. 9-40.
- (1988). Contribuição para o estudo das cerâmicas romanas tardias do Médio Oriente encontradas em Portugal, *Cadernos de Arqueologia*, II, 5, Braga, pp. 35-49.
- DELGADO, M. & L. dos Santos (1984). Marcas de oficinas de sigillatas encontradas em Braga, I, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 1, Braga, 49-70.
- DELGADO, M. & M. Martins (1989-90b). As necrópoles de *Bracara Augusta*. A. Os dados

- arqueológicos, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 6/7, Braga, pp. 41-186.
- SOUSA, J. J. Rigaud de (1965-66). Àcerca de um molde de lucernas, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 20 (1-2), Porto, pp. 165-172.
- (1966a). Inventário dos materiais da Arqueologia bracarense: Lucernas, *Bracara Augusta*, 20 (43-44), Braga, pp. 165-178.
- (1966b). Subsídios para a arqueologia bracarense, *Lucerna*, 5, Porto, pp. 589-599.
- (1966-67). Cerâmica estampada vermelha de Braga, *Arquivo de Beja*, 23-24, Beja, pp. 143-150.
- (1969). Novo molde de lucernas aparecido em Braga, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 21, Porto, pp. 301-321.
- (1971). Cerâmica fina típica de Braga, *II Congresso Nacional de Arqueologia*, 2, Coimbra, pp. 451-455.
- (1973). *Subsídios para a carta arqueológica de Braga*, *Studia Archaeologica*, Santiago de Compostela, 23.
- SOUSA, J. J. Rigaud de & M. S. Ponte (1970). Novos elementos para a arqueologia bracarense, *I Jornadas Arqueológicas*, 2, Lisboa, pp. 384-412.
- SOUSA, J. J. Rigaud & E. Oliveira (1982). Subsídios para o estudo das olarias de Bracara Augusta, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto, pp. 359-370.
- TEIXEIRA, C. (1938). Subsídios para o estudo da Arqueologia bracarense. II - Lucernas, *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, 8 (3-4), Porto, pp. 379-387.

3.3. ENTERRAMENTOS

- BARREIROS, M. de A. (1951). Um sarcófago romano-cristão do séc. IV, *Bracara Augusta*, 2 (4), Braga, pp. 361-362.
- (1952). Ainda o sarcófago romano cristão da Sé de Braga, *Bracara Augusta*, 4 (1-3), Braga, pp. 96-100.
- CUNHA, A. (1953). Necrópole romana em Braga, *Correio do Minho*, Braga, 15 Set. 1953.
- (1957). A terceira inscrição romana do Museu dos Biscainhos, *Correio do Minho*, 23 de Set. 1957.
- DELGADO, M. (1984). Sepultura romana encontrada junto ao largo Carlos Amarante, *Lucerna*, Porto, pp. 179-196.
- DELGADO, M.; F. S. Lemos & M. Martins (1987). Escavações de emergência na necrópole romana da Cangosta da Palha, *Cadernos de Arqueologia*, II, 4, Braga, pp. 179-186.
- FEIO, A. (1951). Um sarcófago bizantino da Sé de Braga, *Bracara Augusta*, 3, 1, Braga, pp. 31-35.
- (1953). Mais duas palavras sobre o sarcófago bizantino da Sé de Braga, *Bracara Augusta*, 4, Braga, pp. 256-259.
- MARTINS, M. & M. Delgado (1989/90b). As necrópoles de *Bracara Augusta*. A. Os dados arqueológicos, *Cadernos de Arqueologia*, 6/7, Braga, pp. 41-186.
- NUNES, H. B. & E. Oliveira (1988). Documentos de Bracara Augusta. O Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha e a Defesa do Património Arqueológico de Braga, *Cadernos de Arqueo-*

logia, II, 5, Braga, pp. 93-152.

3.4. EPIGRAFIA

- ALFÖLDI, G. (1966). Um "cursus" senatorial de Bracara Augusta. *Revista de Guimarães*, Guimarães, 76 (3-4), pp. 363-372 (= 1967. *Madridier Mitteilungen*, 8, Madrid, pp. 185-195.
- ARGOTE, J. Contador de (1728). *De Antiquitatibus Conventus Bracaraugustani*, Lisboa.
- (1732-34). *Memórias para a História Eclesiástica do Arcebispado de Braga, Primaz das Hespanhas*, Lisboa.
- BELINO, A. (1895). *Inscrições romanas de Braga - Inéditas*, Braga.
- (1895a). Inscrições Romanas de Braga, *Revista de Guimarães*, 12, Guimarães, pp. 97-102.
- (1896). *Novas inscrições romanas de Braga*, Braga.
- (1903). Novo Deus bracarense, *Arqueólogo Português*, 8, Lisboa, pp. 46-47.
- (1904). Epigraphia Romana de Braga, *O Arqueólogo Português*, 9, Lisboa, pp. 101-102.
- (1906). *Novas inscrições inéditas de Braga*, Braga.
- BRANDÃO, D. D. Pinho (1959). Inscrição honorífica dedicada a Constâncio Cloro, *Revista de Guimarães*, 69, 3-4, Guimarães, pp. 367-374.
- CARDOSO, M. (1972). *Catálogo do Museu Martins Sarmiento, Secção de epigrafia latina e de escultura antiga*, Guimarães.
- CORTEZ, R. (1951). O culto do Imperador no Conventus bracaraugustanus, *Bracara Augusta*, 2 (4), pp. 368-382; 3 (1), pp. 16-30; 3 (2), Braga, pp. 147-165.
- (1951-54). A Fonte do Ídolo e o Culto de Asklepius em Bracara, *Bracara Augusta* (Braga), 4 (1-3), Braga, pp. 32-45; 4 (4), pp. 264-280; 5 (1-3), pp. 90-103.
- CUNHA, A. R. da (1953). Novíssimas inscrições romanas de Braga, *Bracara Augusta*, IV, 4, Braga, pp. 242-252.
- (1950). Três inscrições romano-bracarense, *Acção Católica*, 35, Braga, pp. 179-184.
- ENCARNAÇÃO, J. de (1975). *Divindades indígenas sob o domínio romano em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- HUBNER, E. (1869-92). *Corpus Inscriptionum Latinarum*, Berlim.
- (1871). *Notícias archeologicas de Portugal*, Lisboa.
- LE ROUX, P. (1974). Les stèles funéraires de Braga. Remarques sur une nouvelle inscription en vers, *Archaeologica Opuscula*, 1, pp. 41-48.
- (1975) Aux origines de Braga (Bracara Augusta), *Bracara Augusta*, 9 (67-68), Braga, pp. 155-159.
- LE ROUX, P. & A. Tranoy (1973). Rome et les indigènes dans le NO de la Peninsule Iberique: problèmes d'épigraphie et d'histoire, *Mélanges de la Casa de Velazquez*, 9, Madrid, pp. 177-231.
- MORESTIN, H. (1979). Autels et inscriptions de Braga, *Mélanges de la Casa Velazquez*, 15, Paris, pp. 489-501.
- NUNES, H. B. & E. Oliveira (1988). Documentos de *Bracara Augusta*. O Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha e a Defesa do Património Arqueológico de Braga, *Cadernos de Arqueo-*

- logia, II, 5, Braga, pp. 93-152.
- NUNES, J. de Castro (1948 e 1950). Inscrições latinas inéditas do Convento Bracaraugustanus, *Boletim de la Universidad Compostelana*, Santiago de Compostela, 51-52, pp. 319-324; 55-56, Santiago de Compostela, pp. 433-443.
- OLIVEIRA, E. (1980). O Salvamento de Bracara Augusta, 7, Antigos Achados: tentativa de interpretação crítica, *Actas do Seminário de Arqueologia do NO peninsular*, 3, Guimarães, pp. 107-116.
- PEREIRA MENAULT, G. (1985). La inscripción del Idolo da Fonte, Braga, *Symbolae Ludovico Mitxelena septuagenaria oblatae*, Vitória, pp. 533-535.
- SANTOS, L. dos (1973). *Breve Catálogo do Museu Pio XII (I- secção Lapidar)*, Falam documentos, 2 edição, Braga.
- SANTOS, L. dos; P. Le Roux & A. Tranoy (1983). Inscrições romanas do Museu Pio XII em Braga, *Bracara Augusta*, 37 (83/84), Braga, pp. 183-205.
- SANTOS YANGUAS, J. (1984). *Comunidades indígenas y administración romana en el Noroeste hispanico*, Vitoria.
- SOUSA, J. J. Rigaud de (1973). *Subsídios para a carta arqueológica de Braga*, Studia Archeologica, Santiago de Compostela, 23.
- TEIXEIRA, C. (1938). Subsídios para o estudo da Arqueologia Bracarense. III -A Fonte do Ídolo e o culto de Nabia, *Prisma*, 2 (3), Porto, pp. 145-153.
- TRANOY, A. (1980). Religion e Societé à Bracara Augusta (Braga) au Haut Empire, *Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, 3, Guimarães, pp. 67-83.
- (1981). *La Galice Romaine: Recherches sur le NW de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité*, Diffusion du Boccard, Paris.
- TRANOY, A. & P. Le Roux (1989/90). As necrópoles de *Bracara Augusta*. B. Les inscriptions funéraires, *Cadernos de Arqueologia*, 6/7, Braga, pp. 187-232.
- VASCONCELOS, L. (1918). *Religiões da Lusitânia*, III, Lisboa.
- VIVES, J. (1971-72). *Inscriptiones latinas de la España romana*, Barcelona.

3.5. ESCAVAÇÕES

- DELGADO, M.; L. A. T. Dias; F. S. Lemos & A. Gaspar (1984). Intervenções na área urbana de Bracara Augusta (1983), *Cadernos de Arqueologia*, II, 1, Braga, pp. 95-106.
- DELGADO, M. & F. Sande Lemos (1985). Zona das Carvalheiras. Notícia das campanhas de escavação de 1984 e 1985, *Cadernos de Arqueologia*, II, 2, Braga, pp. 159-176.
- DELGADO, M. & A. Gaspar (1986). Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas Cavalariças do Regimento de Infantaria de Braga, *Cadernos de Arqueologia*, II, 3, Braga, pp. 151-167.
- DELGADO, M. & F. S. Lemos (1986). Zona das Carvalheiras: notícia da campanha de escavação de 1985, *Cadernos de Arqueologia*, II, 3, Braga, pp. 151-167.
- DELGADO, M.; F. S. Lemos & M. Martins (1987). Escavações de emergência na necrópole romana da Cangosta da Palha, *Cadernos de Arqueologia*, II, 4, Braga, pp. 179-186.
- DELGADO, M. (1987). Notícia preliminar sobre o salvamento no quarteirão da Rua Gualdim Pais, *Cadernos de Arqueologia*, II, 4, Braga, pp. 187-199.

- DELGADO, M. & M. Martins (1988). Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas Cavala-
riças do Regimento de Infantaria de Braga), *Cadernos de Arqueologia*, II, 5, Braga, pp. 79-
-93.
- GASPAR, A. (1985). Escavações arqueológicas na Rua de N. Sra. do Leite, em Braga, *Cadernos
de Arqueologia*, II, 2, Braga, pp. 51-125.
- LEMONS, F. S.; M. Delgado & M. Martins (1988). Sondagens arqueológicas no Largo do Paço,
Braga, *Cadernos de Arqueologia*, II, 5, Braga, pp. 69-78.
- SOUZA, J. J. Rigaud de & S. da Ponte (1972). Novos elementos para a arqueologia bracarense,
Actas das I Jornadas Arqueológicas, 2, Lisboa, pp. 384-402.

3.6. HISTÓRIA

- ALARCÃO, J. (1988a). *O domínio romano em Portugal*, Publicações Europa-América, Lisboa.
— (1988b). *Roman Portugal: II, Gazetteer*, fasc. 1, Warminster.
— (1990). *Portugal das origens à Romanização*, Presença, Lisboa.
- ARGOTE, J. C. (1728). *De Antiquitatibus Conventus Bracaraugustani*, Lisboa.
— (1732-34). *Memórias para a História Eclesiástica do Arcebispado de Braga, Primaz das
Hespanhas*, Lisboa.
- BALIL, A. (1976). Bracara Augusta y el conventus Bracarus, La romanizacion de Galicia,
Cuadernos del Seminario de estudios cerámicos de Sargadelos, 16, pp. 45-53.
- BELINO, A. (1905). Bracara Augusta, *O Archeologo Português*, 10 (375), Lisboa, pp. 118-119.
- CENTENO, R. (1983). A dominação romana, *História de Portugal*, 1, Alfa, Lisboa, pp. 149-
-211.
- CUNHA, D. R. da (1634). *História Eclesiástica do Arcebispado de Braga*, Braga.
- FABIÃO, C. (1992). A romanização do actual território português, *História de Portugal*, 1,
Círculo dos Leitores, Lisboa, pp. 203-299.
- FEIO, A. (1956) Origens da cidade. A Braga romana, *Diário do Minho*, Braga 30 Set.
— (1956). Origens da cidade. Destruição de Bracara Augusta, *Diário do Minho*, Braga, 7
Out. 1956.
- FERREIRA, J. A. (1928-1934). *Fastos episcópaes da Igreja primacial de Braga (séc. III-XX)*,
Mitra Bracarense, Braga.
- FIGUEIREDO, A. C. B. de (1989). Anacleto archeológica: Braga, *Revista Archeologica*, 3,
Lisboa, pp. 179-180.
- FREITAS, B. S. (1890). *Memórias de Braga*, 1, Braga.
- IDÁCIO (1982). *Crónica*, Universidade do Minho, Braga.
- LE ROUX, P. (1975). Aux Origines de Braga (Bracara Augusta), *Bracara Augusta*, 29 (67-68),
Braga, pp. 155-159.
— (1980). Les *auxilia* romains recrutés chez les *Bracari* et l'organisation politique du Nord-
-ouest Hispanique, *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, 3, Guima-
rães, pp. 43-65.
— (1982). *L'armée romaine et l'organisation des provinces ibériques d'Auguste à l'invasion
de 409*, Paris.

- (1982). Le monde urbaine et les indigènes: les données du problème dans le Nord-Ouest hispanique, *Actes du Colloque de Aix-la-Provence*, 1980, Marseille, pp. 177-179.
- LE ROUX, P. & A. Tranoy (1983-84). Villes et fonctions urbaines dans le Nord-Ouest hispanique sous la domination romaine, *Portugália*, (N/S), 4-5, Porto, pp. 199-207.
- LEAL, P. (1873). *Portugal antigo e moderno: dicionário*, 1, Lisboa, pp. 432-473.
- MARTINS, M. (1992-93). História e Memória de *Bracara Augusta*, *Forum*, 12-13, Braga, pp. 3-16
- NUNES, H. B. & E. Oliveira (1988). Documentos de *Bracara Augusta*. O Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha e a Defesa do Património Arqueológico de Braga, *Cadernos de Arqueologia*, II, 5, Braga, pp. 93-152.
- OLIVEIRA, E. P. de (1978). O Salvamento de *Bracara Augusta*, 4. Os apontamentos arqueológicos de Braga de José Teixeira, *Minia*, Braga, pp. 20-44.
- (1979). O Salvamento de *Bracara Augusta*, 6 - A Câmara Municipal de Braga e a Arqueologia, *Minia*, 2 série, 2 (3), Braga, pp. 164-197.
- (1980). O Salvamento de *Bracara Augusta* 7, Antigos Achados, *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, 3, Guimarães, pp. 107-116.
- (1983). Ascensão e decadência de *Bracara Augusta*, *História*. 54, Lisboa, pp. 74-83.
- (1985). Notícias arqueológicas de Braga em jornais bracarenses, *Conimbriga*, 24, Coimbra, pp. 5-83.
- OLIVEIRA, E.; E. S. Moura & J. Mesquita (1982). *Braga. Evolução da estrutura urbana*, Câmara Municipal de Braga.
- SAMPAIO, R. C. (1963). *Bracara Augusta*. Notas para a sua história e arqueologia, *Lucerna*, 3, Porto, pp. 260-267.
- SOUSA, J. J. Rigaud de (1968). Braga nos séculos IV e V. Notas arqueológicas, *Bracara Augusta*, 22 (51-54), Braga, pp. 194-196.
- TEIXEIRA, J. (1910). *Apontamentos arqueológicos da cidade de Braga* (manuscrito pertencente à Biblioteca Pública de Braga), Braga.
- (1912). *Braga antiga*, Braga.
- TRANOY, A. (1980). Religion e Societé à *Bracara Augusta* (Braga), au Haut Empire, *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, 3, Guimarães, pp. 67-83.
- (1981). *La Galice romaine. Recherches sur le Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité*, Diffusion du Bocard, Paris.
- (1981a). Romanisation et monde indigène dans la Galice antique: Problèmes et perspectives, *Primera Reunion Gallega de Estudios Clasicos*, Santiago de Compostela, pp. 105-121.
- (1982). Agglomerations indigènes et villes augustéennes dans le Nord-Ouest Ibérique, *Actes du Colloque de Aix-en-Provence*, 1980, Marseille, pp. 125-137.
- (1983). Remarques sur la permanence et les mutations dans la Galice antique: le rôle des villes", *Seminário de Arqueologia del Noroeste*, Madrid, pp. 193-201.
- TRANOY, A. & P. Le Roux (1973). Rome et les indigènes dans le NO de la Péninsule Ibérique. Problèmes d'épigraphie et d'histoire, *Mélanges de la Casa Vélazquez*, 9, Madrid, pp. 177-231.
- VASCONCELOS, J. L. (1913 e 1918). *Religiões da Lusitânia*, II, III, Lisboa.

3.7. MOEDAS

- BELINO, A. (1899-1901). Catálogo das moedas romanas, celtíberas e visigodas pertencentes à Sociedade Martins Sarmento, *Revista de Guimarães*, 16, Guimarães, pp. 78-90, 17, pp. 137-146 e 187-203, 18, 130-155.
- CENTENO, R. (1987). *Circulação Monetária no Noroeste de Hispânia até 192*, Anexos Nvmmvs, 1, Porto.
- HIPÓLITO, M. C. (1960-61). Dos tesouros de moedas romanas em Portugal, *Conimbriga*, 2-3, Coimbra, pp. 1-165.
- MACHADO, J. (1908). Achado de moedas romanas em Braga, *Portugália*, 2, Porto, p. 478.
- NUNES, H. B. & E. Oliveira (1988). Documentos de *Bracara Augusta*. O Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha e a Defesa do Património Arqueológico de Braga, *Cadernos de Arqueologia*, II, 5, Braga, pp. 93-152.
- VASCONCELOS, J. L. (1918). Coisas velhas, *O Arqueólogo Português*, 23, Lisboa, pp. 357.

3.8. MOSAICOS

- ACUÑA CASTROVIEJO, F. (1974a). Consideraciones sobre los mosaicos portugueses del Convento Bracarense, *Actas do Congresso Nacional de Arqueologia*, 3, Porto, pp. 201-210.
- (1974b). *Mosaicos romanos da Hispania Citerior, III Conventus Bracaraugustanus*, *Studia Archeologica*, Valladolid, 31.
- NUNES, H. B. & E. Oliveira (1988). Documentos de *Bracara Augusta*. O Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha e a Defesa do Património Arqueológico de Braga, *Cadernos de Arqueologia*, II, 5, Braga, pp. 93-152.
- OLIVEIRA, E. P. de (1978). O salvamento de Bracara Augusta, 4. Os apontamentos arqueológicos de Braga de José Teixeira, *Minia*, Braga, pp. 20-44.
- (1980). O salvamento de Bracara Augusta 7, Antigos achados, *Actas do Seminário de Arqueologia do NO Peninsular*, 3, Guimarães, pp. 107-116.
- SOUSA, J.J. R. de & S. da Ponte (1972). Novos elementos para a arqueologia bracarense, *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, 2, Lisboa, pp. 384-402.
- VASCONCELOS, J. L. de (1918). Braga romana, *O Arqueólogo Português*, 23, Lisboa, pp. 356-360.
- (1923-4). Monumentos arqueológicos. 5 - Mosaicos de Braga, *Arqueólogo Português*, 26, Lisboa, pp. 164-165.

3.9. SALVAMENTO DE BRACARA AUGUSTA

- ALARCÃO, J. (1975-76). Campo Arqueológico de Braga, *Humanitas*, 27-28, Coimbra, pp. 272-274.
- ALVES, F.; H. B. Nunes; F. S. Lemos & E. P. Oliveira (1977). O Salvamento de Bracara Augusta: 1 - O campo arqueológico da Universidade do Minho (Braga). Breve história, organização e objectivos, *O Arqueólogo Português*, 3ª série, 7/9, Lisboa, pp. 416-423.

- DELGADO, M.; M. Martins & F. S. Lemos (1989). Dossier - Salvamento de *Bracara Augusta*, *Forum*, 6, Braga, pp. 3-41.
- LEMOS, F. S. (1992). Património Arqueológico II, *Forum*, 8, Braga, pp. 146-158.
- MARTINS, M. (1992-93). História e Memória de *Bracara Augusta*, *Forum*, 12-13, Braga, pp. 3-16
- NUNES, H. B. (1978). O Salvamento de Bracara Augusta: 3 - Da cidade romana ao Campo Arqueológico da Universidade do Minho, *Actas das III Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, pp. 227-236.
- NUNES, H. B. & E. Oliveira (1988). Documentos de *Bracara Augusta*. O Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha e a Defesa do Património Arqueológico de Braga, *Cadernos de Arqueologia*, II, 5, Braga, pp. 93-152.
- OLIVEIRA, E. (1978). O salvamento de Bracara Augusta, IV. Os apontamentos arqueológicos de Braga de José Teixeira, *Minia*, Braga, pp. 20-44.
- (1979). O Salvamento de Bracara Augusta, 6 - A Câmara Municipal de Braga e a Arqueologia, *Minia*, 2 série, 2 (3), pp. 164-197.
- (1980). O Salvamento de Bracara Augusta, 7, Antigos Achados: tentativa de interpretação crítica, *Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, 3, Guimarães, pp. 107-116.
- (1985a). Notícias arqueológicas de Braga em jornais bracarenses, *Conimbriga*, 24, Coimbra, pp. 5-83.
- (1985b). Documentos para a História do Museu D. Diogo de Sousa. II, *Cadernos de Arqueologia*, II, 2, Braga, pp. 179-194.
- (1986). Documentos para a História do Museu D. Diogo de Sousa, III, *Cadernos de Arqueologia*, II, 3, Braga, pp. 171-195.
- OLIVEIRA, E. & I. Fernandes (1984). Documentos para a História do Museu D. Diogo de Sousa, *Cadernos de Arqueologia*, II, 1, Braga, pp. 109-134.
- SOUSA, J. J. R. de (1966a). Inventário de materiais para a arqueologia bracarense, *Bracara Augusta*, 20 (43-44), Braga, pp. 165-178.
- (1966b). Subsídios para a arqueologia bracarense, *Lucerna*, 5, Porto, pp. 589-599.
- (1973). *Subsídios para uma carta arqueológica de Braga*, *Studia Arqueológica*, Santiago de Compostela, 23.

3.10. URBANISMO E ARQUITECTURA

- ALARCÃO, J. (1988). *Roman Portugal*, Warminster.
- (1990). A urbanização de Portugal nas épocas de César e de Augusto, *Städtebild und Ideologie*, München, pp. 43-57.
- GASPAR, A.; M. Delgado & F. S. Lemos (1986). O Salvamento de Bracara Augusta, I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana, Setúbal, *Trabalhos de Arqueologia*, 3, Lisboa, pp. 27-42.
- MANTAS, V. (1987). As primitivas formas de povoamento urbano em Portugal, *Povos e Culturas*, nº 2, pp. 13-55.
- (1990). Teledetecção e urbanismo romano: o caso de Beja, *Geociências*, 5, 1, Aveiro, pp. 75-88.

- MARTINS, M. & M. Delgado (1989-90a). História e Arqueologia de uma cidade em devir: *Bracara Augusta, Cadernos de Arqueologia*, II, 6/7, Braga, pp. 11-38.
- NUNES, H. B. & E. Oliveira (1988). Documentos de *Bracara Augusta*. O Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha e a Defesa do Património Arqueológico de Braga, *Cadernos de Arqueologia*, II, 5, Braga, pp. 93-152.
- OLIVEIRA, E.; E. S. Moura & J. Mesquita (1982). *Braga. Evolução da estrutura urbana*, Câmara Municipal de Braga.

3.11. VÁRIA

- ACUÑA CASTROVIEJO, F. (1975). Divindades romanas en bronce del Convento Bracarense, *Bracara Augusta*, 29 (67/68), Braga, pp. 145-153.
- AZEVEDO, P. A. de (1897). Notícias archeológicas colhidas em documentos do séc. XVIII, *O Arqueólogo Português*, 3, Lisboa, pp. 247-252.
- (1900). Notícias archeológicas do séc. XVIII, *O Arqueólogo Português*, 5, Lisboa, pp. 81-87; 115-120.
- CALDAS, P. (1852). *Apontamentos geraes sobre os mais notaveis objectos de Braga*, Braga.
- FEIO, A. (1950). Dois bronzes romanos, *Bracara Augusta*, 2, Braga, pp. 1-6.
- (1984). *Coisas memoráveis de Braga*, Braga, pp. 97-107.
- FIGUEIREDO, A. M. (1897). Notícias archeológicas colhidas no Dicionário Geográfico de Cardoso, *O Arqueólogo Português*, 3, Lisboa, pp. 218-223.
- MARTINS, M. (1988). Moldes de sítulas com decoração geométrica encontrados em Braga, *Cadernos de Arqueologia*, II, 5, Braga, pp. 23-33.
- NUNES, H. B. & E. Oliveira (1988). Documentos de *Bracara Augusta*. O Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha e a Defesa do Património Arqueológico de Braga, *Cadernos de Arqueologia*, II, 5, Braga, pp. 93-152.
- SOUSA, J. J. R. de (1966). Subsídios para a arqueologia bracarense, *Lucerna*, 5, Porto, pp. 589-599.
- (1973). Anéis e entalhes de zona portuguesa do Convento *Bracaraugustano*, *Cadernos de Estudios Gallegos*, 28 (85), Santiago de Compostela, pp. 186-192.
- TEIXEIRA, C. (1935). Um peso bizantino, inédito, de Braga, *Alto Minho*, 3, Viana do Castelo, pp. 70-74.
- VASCONCELOS, J. L. de (1903). Archeologia *Bracaraugustana*, *O Arqueólogo Português*, 8, Lisboa, pp. 269-299.
- (1916). Miscelanea Archeologica, *O Arqueólogo Português*, 21, Lisboa, pp. 343-363.
- (1918). Coisas Velhas: 96 - Braga romana, *O Arqueólogo Português*, 23 (1/12), Lisboa, pp. 356-360.
- (1923-24). Monumentos archeológicos, *O Arqueólogo Português*, 26, Lisboa, pp. 164-165.

3.12. VIDROS

- ALARCÃO, J. de (1970). Abraded and engraved late roman glass from Portugal, *Journal of*

- Glass Studies*, 12, New York, pp. 28-34.
- CARDOSO, M. (1961). Pulseiras antigas de vidro encontradas em Portugal, *Revista de Guimarães*, 71 (1-2), Guimarães, pp. 50-64.
- DELGADO, M. (1984). Sepultura romana encontrada junto ao Largo Carlos Amarante, *Lucerna*, Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão, Porto, pp. 179-196.
- SOUSA, J. J. R. de (1966). Subsídios para a arqueologia bracarense, *Lucerna*, 5, Porto, pp. 589-599.
- (1968). Braga nos séculos IV e V. - Notas arqueológicas, *Bracara Augusta*, 22 (51-54), Braga, pp. 194-196.

BIBLIOGRAFIA CITADA NO TEXTO

- ALARCÃO, A. (1966). Bref aperçu sur la céramique romaine trouvée à *Bracara Augusta* (Portugal), *Rei Cretariae Romanae Fautorum Actae*, 8, pp. 45-50.
- ALARCÃO, J. de (1970). Abraded and engraved late roman glass from Portugal, *Journal of Glass Studies*, 12, New York, pp. 28-34.
- (1988). *Roman Portugal*, Warminster.
- (1990a). A urbanização de Portugal nas épocas de César e de Augusto, *Städtebild und Ideologie*, Kolloquium in Madrid, Oktober 1987, München, pp. 43-57.
- ALFÓLDI, G. (1966). Um "cursus" senatorial de *Bracara Augusta*. *Revista de Guimarães*, 76 (3-4), Guimarães, pp. 363-372 (= 1967. *Madrid Miteilungen*, 8, Madrid, pp. 185-195.
- ALVES, F.; H. B. Nunes; F. S. Lemos & E. P. Oliveira (1977). Salvamento de *Bracara Augusta*: I - O campo Arqueológico da Universidade do Minho (Braga). Breve história, organização e objectivos, *O Arqueólogo Português*, 3ª série, 7/9, Lisboa, pp. 416-423.
- ARGOTE, J. C. de (1728). *De Antiquitatibus Conventus Bracaraugustani*, Lisboa.
- (1732-34). *Memórias para a História Eclesiástica do Arcebispado de Braga, Primaz das Hespanhas*, Lisboa.
- AZEVEDO, P. A. de (1897). Notícias archeológicas colhidas em documentos do séc. XVIII, *O Arqueólogo Português*, 3, Lisboa, pp. 247-252.
- (1900). Notícias archeológicas do séc. XVIII, *O Arqueólogo Português*, 5, Lisboa, pp. 81-87; 115-120.
- BELINO, A. (1895a). *Inscrições romanas de Braga - Inéditas*, Braga.
- (1895b). Inscipções Romanas de Braga, *Revista de Guimarães*, 12, Guimarães, pp. 97-102.
- (1896). *Novas inscrições romanas de Braga*, Braga.
- (1900). *Archeologia Christã*, Braga.
- (1903). Novo Deus bracarense, *Arqueólogo Português*, 8, Lisboa, pp. 46-47.
- (1904). Epigraphia Romana de Braga, *O Arqueólogo Português*, 9, Lisboa, pp. 101-102.
- (1905a). *Bracara Augusta*, *O Arqueólogo Português*, 10, Lisboa, pp. 118-119.
- (1905b). Museu de Braga. Projecto, *O Arqueólogo Português*, 10, Lisboa, pp. 15-16.
- (1906). *Novas inscrições inéditas de Braga*, Braga.
- (1909). Cidades mortas, *O Arqueólogo Português*, 14, Lisboa, pp. 1-28.
- BELINO, A. (1899-1901). Catálogo das moedas romanas, celtiberas e visigodas pertencentes à Sociedade Martins Sarmento, *Revista de Guimarães*, 16, Guimarães, pp. 78-90; 17, pp. 137-146 e 187-203; 18, 130-155.
- BRANDÃO, D. D. Pinho (1959). Inscipção honorífica dedicada a Constâncio Cloro, *Revista de Guimarães*, 69 (3-4), Guimarães, pp. 367-374.
- CARDOSO, M. (1972). *Catálogo do Museu Martins Sarmento, Secção de Epigrafia latina e escultura antiga*, Guimarães.
- CENTENO, R. (1987). *Circulação Monetária no Noroeste de Hispânia até 192*, Anexos Nvmmvs, 1, Porto.
- CORTEZ, R. (1951). O culto do Imperador no Conventus bracaraugustanus, *Bracara Augusta*, 2 (4), Braga, pp. 368-382; 3 (1), pp. 16-30; 3 (2), pp. 147-165.
- (1951-54). A Fonte do Ídolo e o Culto de Asklepius em Bracara, *Bracara Augusta*, 4 (1-3), Braga, pp. 32-45; 4 (4), pp. 264-280; 5 (1-3), pp. 90-103.
- (1953). Acerca da terra sigillata tardia encontrada no Norte de Portugal, *Congresso Luso Espanhol para o*

- Progresso da Ciências*, 13, Lisboa, pp. 245.
- CUNHA, D. R. da (1634). *História Eclesiástica do Arcebispado de Braga*, Braga.
- CUNHA, A. R. da (1953). Novíssimas inscrições romanas de Braga, *Bracara Augusta*, IV, 4, Braga, pp. 249-252.
- DELGADO, M. (1984). Sepultura romana encontrada junto ao Largo Carlos Amarante, Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão, *Lucerna*, Porto, pp. 179-196.
- (1985). Marcas de oficinas de sigillatas encontradas em Braga, I, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 2, Braga, pp. 9-40.
- DELGADO, M. (1987). Notícia preliminar sobre o salvamento no quarteirão da Rua Gualdim Pais, *Cadernos de Arqueologia*, II, 4, Braga, pp. 187-199.
- (1988). Contribuição para o estudo das cerâmicas romanas tardias do Médio Oriente encontradas em Portugal, *Cadernos de Arqueologia*, II, 5, Braga, pp. 37-49.
- DELGADO, M. & L. dos Santos (1984). Marcas de oficinas de sigillatas encontradas em Braga, I, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 1, Braga, pp. 49-70.
- DELGADO, M. & F. S. Lemos (1985). Zona das Carvalheiras. Notícia das campanhas de escavação de 1984 e 1985, *Cadernos de Arqueologia*, II, 2, Braga, pp. 159-176.
- (1986). Zona das Carvalheiras: notícia da campanha de escavação de 1985, *Cadernos de Arqueologia*, II, 3, Braga, pp. 151-167.
- DOPICO CAÍNZOS, M. D. (1986). Los *conventus iuridici*. Origen, cronología y naturaleza histórica, *Gerión*, 4, pp. 265-283.
- FEIO, A. (1956) Origens da cidade. A Braga romana, *Diário do Minho*, Braga 30 Set.
- (1956). Origens da cidade. Destruição de *Bracara Augusta*, *Diário do Minho*, Braga, 7 Out.
- FIGUEIREDO, A. M. (1897). Notícias arqueológicas colhidas no Dicionário Geográfico de Cardoso, *O Arqueólogo Português*, 3, Lisboa, pp. 218-223.
- GARCIA-MORENO, L. A. (1977-78). La Cristianización de la topografía de las ciudades de la Península Ibérica durante la antigüedad tardía, *Archivo Espanol de Arqueologia*, 50-59, Madrid, pp. 311-321.
- GASPAR, A. (1985). Escavações arqueológicas na R. de N. Sra. do Leite, em Braga, *Cadernos de Arqueologia*, II, 2, Braga, pp. 51-125.
- GASPAR, A.; M. Delgado & F. Sande Lemos (1986). O Salvamento de *Bracara Augusta*, I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana, Setúbal, *Trabalhos de Arqueologia*, 3, Lisboa, pp. 27-42.
- LE ROUX, P. (1974). Les stèles funéraires de Braga. Remarques sur une nouvelle inscription en vers. *Archaeologica Opuscula*, 1, pp. 41-48.
- (1975) Aux origines de Braga (*Bracara Augusta*), *Bracara Augusta*, 9 (67-68), Braga, pp. 155-159.
- (1980). Les *auxilia* romains recrutés chez les *Bracari* et l'organisation politique du Nord-ouest Hispanique, *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, 3, Guimarães, pp. 43-65.
- (1982). *L'armée romaine et l'organisation des provinces ibériques d'Auguste à l'invasion de 409*, Paris.
- LE ROUX, P. & A. Tranoy (1983-84). Villes et fonctions urbaines dans le Nord-Ouest hispanique sous la domination romaine, *Portugália*, (N/S), 4-5, Porto, pp. 199-207.
- MANTAS, V. (1987). As primitivas formas de povoamento urbano em Portugal, *Povos e Culturas*, nº 2, pp. 13-55.
- (1990). Teledeteção e urbanismo romano: o caso de Beja, *Geociências*, 5, 1, Aveiro, pp. 75-88.
- MARTINS, M. & M. Delgado (1989-90a). História e Arqueologia de uma cidade em devir: *Bracara Augusta*, *Cadernos de Arqueologia*, II, 6/7, Braga, pp. 11-38.
- (1989/90b). As necrópoles de *Bracara Augusta*. A. Os dados arqueológicos, *Cadernos de Arqueologia*, II, 6/7, Braga, pp. 41-186.
- OLIVEIRA, E. P. de (1978). O Salvamento de *Bracara Augusta*, IV. Os apontamentos arqueológicos de Braga de José Teixeira, *Minia*, Braga, pp. 20-44.
- (1979). O Salvamento de *Bracara Augusta*: 6 - A Câmara Municipal de Braga e a Arqueologia, *Minia*, 2 série, 2 (3), Braga, pp. 164-197.
- (1980). O Salvamento de *Bracara Augusta* 7, Antigos Achados, *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, 3, Guimarães, pp. 107-116.
- (1985a). Documentos para a História do Museu D. Diogo de Sousa. II, *Cadernos de Arqueologia*, II, 2, Braga, pp. 179-194.
- (1985b). Notícias arqueológicas de Braga em jornais bracarenses, *Conimbriga*, 24, Coimbra, pp. 5-83.
- (1986). Documentos para a História do Museu D. Diogo de Sousa. III, *Cadernos de Arqueologia*, II, 3, Braga, pp. 171-195.
- OLIVEIRA, E., E. S. Moura & J. Mesquita (1982). *Braga. Evolução da estrutura urbana*, Câmara Municipal de Braga.

- OLIVEIRA, E. P. & I. Fernandes (1984). Documentos para a História do Museu D. Diogo de Sousa. I, *Cadernos de Arqueologia*, II,1, Braga, pp. 109-134.
- NUNES, H. B. (1978). O Salvamento de *Bracara Augusta*: 3 - Da cidade romana ao Campo Arqueológico da Universidade do Minho, *Actas das III Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, pp. 227-236.
- NUNES, H. B. & E. Oliveira (1988). Documentos de *Bracara Augusta*. O Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha e a defesa do património de Braga, *Cadernos de Arqueologia*, II, 5, Braga, pp. 97-155.
- SANTOS, L. dos (1973). *Breve Catálogo do Museu Pio XII (I-secção Lapidar)*, Falam documentos, 2ª edição, Braga.
- SEVERO, R. (1899-1903). A colecção archeológica de Albano Belino em Braga, *Portugália*, 1, Porto, pp. 651-652.
- SOUSA, J. J. Rigaud de ((1965-66). Acerca de um molde de lucernas, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 20 (1-2), Porto, pp. 165-172.
- (1966a). Inventário dos materiais da Arqueologia bracarense, *Bracara Augusta*, 20 (43-44), Braga, pp. 165-178.
- (1966b). Subsídios para a arqueologia bracarense, *Lucerna*, 5, Porto, pp. 589-599.
- (1966-67). Cerâmica estampada vermelha de Braga, *Arquivo de Beja*, 23-24, Beja, pp. 143-150.
- (1968). Braga nos séculos IV e V. Notas arqueológicas, *Bracara Augusta*, 22 (51-54), Braga, pp. 194-196.
- (1969). Novo molde de lucernas aparecido em Braga, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 21, Porto, pp. 309-311.
- (1971). Cerâmica fina típica de Braga, *II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra, pp. 451-455.
- (1973). *Subsídios para a carta arqueológica de Braga*, *Studia Archaeologica*, Santiago de Compostela, 23.
- SOUSA, J. J. R. de & M. S. Ponte (1970). Novos elementos para a arqueologia bracarense, *I Jornadas Arqueológicas*, 2, Lisboa, pp. 384-412.
- SOUSA, J. J. Rigaud & E. Oliveira (1982). Subsídios para o estudo das olarias de *Bracara Augusta*, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto, pp. 359-369.
- TAGILDE, A. (1907). O Museu Archeológico, *Revista de Guimarães*, 24, Guimarães, pp. 79-81.
- TEIXEIRA, C. (1938a). Subsídios para o estudo da Arqueologia Bracarense. A Fonte do Ídolo e o culto de Nabia, *Prisma*, 2 (3), Porto.
- (1938). Subsídios para o estudo da Arqueologia bracarense. II - Lucernas, *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, 8 (3-4), Porto, pp. 379-387.
- TRANOY, A. (1980). Religion e Societé à *Bracara Augusta* (Braga), au Haut Empire, *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, 3, Guimarães, pp. 67-83.
- (1981). *La Galice romaine. Recherches sur le Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité*, Diffusion du Bocard, Paris.
- TRANOY, A. & P. Le Roux (1989/90). As necrópoles de *Bracara Augusta*. B. Les inscriptions funéraires, *Cadernos de Arqueologia*, II, 6/7, Braga, pp. 183-226.
- VASCONCELOS, J. L. de (1897). Museu Municipal de Braga, *O Arqueólogo Português*, 3 (3-4), Lisboa, pp. 78-80.
- (1903). Archeologia Bracaraugustana. Inscrições romanas. Projecto de Museu, *O Arqueólogo Português*, 8, Lisboa, pp. 295-299.
- (1913). *Religiões da Lusitânia*, III, Lisboa.
- (1916). Miscelânea Archeológica, *O Arqueólogo Português*, 21, Lisboa, pp. 343-363.
- (1918). Coisas velhas, *O Arqueólogo Português*, 23, Lisboa, pp. 356-360.
- (1918). Braga romana, *O Arqueólogo Português*, 23, Lisboa, pp. 356-360.
- (1923-4). Monumentos arqueológicos. 5 Mosaicos de Braga, *Arqueólogo Português*, 26, Lisboa, pp. 164-165.